

ARNALDO JARDIM

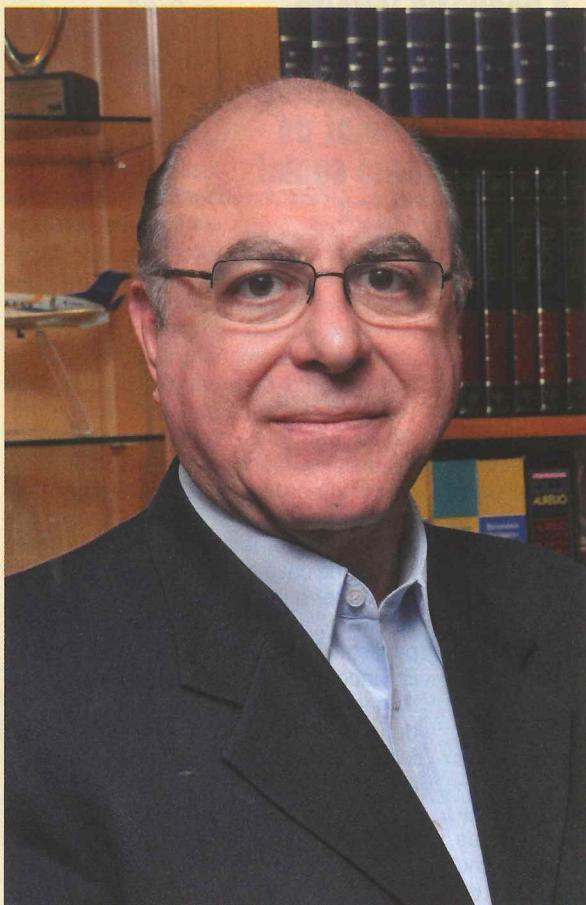
Produção de leite deve crescer em São Paulo

Nos próximos 10 anos, o volume coletado no Estado poderá ter um avanço de 40%. O caminho para atingir tal meta passa por um ambicioso projeto que envolve melhorias nas condições para os criadores e pela integração de instituições públicas e privadas

ROMUALDO VENÂNCIO

A pecuária leiteira paulista já esteve entre os principais destaques nacionais em volume de produção, chegando a disputar a ponta com Minas Gerais. Mas o leite foi perdendo espaço no Estado de São Paulo, sobretudo, para atividades como a cana-de-açúcar, e hoje ocupa a sexta posição no ranking nacional com pouco mais de 1,77 bilhão de litros por ano, segundo dados do IBGE. Este volume representa menos de 20% da captação mineira, superior a 9,14 bilhões de litros/ano, e apenas 5% do total brasileiro, em 35 bilhões.

Essa condição pode começar a mudar a partir de uma série de iniciativas da Secretaria de Agricultura e Abastecimento de São Paulo com a meta de promover uma evolução de 40% dentro de um prazo de 10



regionais e o impacto da pesquisa científica. Além disso, comenta de que maneira sua equipe tem estruturado esse plano para que haja continuidade das operações, independentemente da validade dos mandatos governamentais.

Balde Branco - São Paulo tem recuado na produção de leite ano a ano. A justificativa está na competição com outras atividades agrícolas, cujo rendimento por área fica atrás da pecuária leiteira, o que nem sempre é verdadeiro. Mesmo assim, como explicar essa relação?

Arnaldo Jardim - A principal justificativa

está mesmo na competição com outras atividades agrícolas, no valor da terra e nas dificuldades relacionadas à escassez de mão de obra e de sucessão familiar nas propriedades rurais. O produtor, como qualquer outro empreendedor, busca melhores rendimentos e condições favoráveis para o seu negócio. A área cultivada com cana-de-açúcar teve uma expansão muito grande na primeira década deste século e substituiu outras atividades, como o leite, pois oferecia oportunidades mais vantajosas de renda. Por outro lado, nos próximos anos, com a mecanização da colheita da cana, nas áreas com declividade maior que 12%, haverá a substituição desta atividade por outras que se apresentarem mais eficientes. Vemos nessa situação uma oportunidade para expansão da pecuária leiteira.

anos. Os projetos para atingir esse objetivo passam pela melhoria das condições técnicas de produção e da rentabilidade dos criadores, sobretudo, os que compõem a agricultura familiar, e pelo aprimoramento de toda a cadeia, assegurando a qualidade do leite coletado.

Para isso, a Secretaria tem buscado parcerias com diversas instituições públicas e privadas para promover uma positiva integração da cadeia láctea. Arnaldo Jardim, titular da pasta, sabe que há muitos desafios nessa empreitada, mas se mostra seguro e otimista em relação aos avanços no setor.

Nesta entrevista exclusiva à **Balde Branco**, ele fala sobre as estratégias e as ações para fomentar a pecuária de leite paulista, a aproximação com as entidades

BB - Nos últimos meses, o governo paulista adotou ações para apoiar a atividade leiteira. O que estimulou o desenvolvimento de tal política?

AJ - Definimos esta atividade econômica como prioritária, pois envolve um grande número de produtores familiares. A pecuária leiteira produz alimento essencial para a saúde do ser humano e gera emprego e renda para produtores e trabalhadores no campo, na indústria e no comércio, ou seja, é um forte vetor do desenvolvimento social e econômico.

BB - O que esperar desse tipo de iniciativa trazida, por enquanto, por investimentos em tanques de resfriamento e caminhões para transporte do leite?

AJ - As iniciativas de investimentos mencionadas são por conta da execução do Projeto de Desenvolvimento Rural Sustentável – Microbacias II – Acesso ao Mercado, visando ao atendimento das demandas de cooperativas ou associações que apresentaram planos de negócios envolvendo o processamento do leite. Obviamente na produção, no transporte e armazenamento do produto devem ser observadas as melhores práticas para que se tenha a qualidade desejada e que se atenda à legislação vigente quanto à qualidade do leite, a Instrução Normativa 62, do Mapa (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento).

BB - Uma queixa comum entre produtores é a falta de assistência técnica para a atividade leiteira. Como resolver isso? Na sua visão é uma tarefa de governo, dos laticínios ou, então, compartilhada?

AJ - Essa é uma das grandes preocupações que temos em relação a todas as atividades, principalmente aquelas, como o leite, que envolvem grande número de agricultores familiares. As ações de assistência técnica devem ser desenvolvidas em conjunto entre todas as diversas instituições, tais como Cati (Coordenadoria de Assistência Técnica Integral), Senar, Sebrae, laticínios, cooperativas e assistência técnica particular. O trabalho em parceria dessas instituições produzirá, com certeza, melhores resultados e em menor tempo.

BB - Em relação a programas de leite, a Secretaria da Agricultura tem perspectivas de trabalhos conjuntos com a Embrapa, como já ocorreu no passado?

AJ - A Secretaria da Agricultura e a Embrapa têm uma história muito profícua de trabalho em parceria. Essa relação continua e, recentemente (em março), recebemos o chefe geral da Embrapa Pecuária Sudeste, Rui Machado, juntamente com o superin-

tendente do Mapa, Francisco Jardim, para discutirmos exatamente o desenvolvimento de ações integradas entre as instituições visando ao aumento da produtividade e à melhor qualidade do leite produzido no Estado de São Paulo.

BB - Uma das metas da Secretaria é elevar de 1,7 bilhão para 2,5 bilhões de litros a produção anual de leite em São Paulo, em um prazo de dez anos. Como alcançar essa meta, considerando que São Paulo é hoje o sexto produtor de leite no País?

AJ - Ao analisar dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Embrapa, Instituto de Economia Agrícola, entre outras instituições, verificamos que os esforços

e as ações implementados há décadas, que incluem até mesmo a aquisição de leite pelo Estado, não foram capazes de melhorar o desempenho da produtividade, com aumento de produção, da qualidade do leite e da renda das unidades de produção. São Paulo dispõe de instituições de pesquisa e ensino na área de ciências do campo e de assistência técnica rural, além de ter importante poder de compra desse produto. Tais elementos compõem ativos que devem ser articulados de modo a se obter a melhor solução para o setor leiteiro e, sobretudo, para a sociedade paulista. O Plano de Desenvolvimento da Bovinocultura de Leite-Mais Leite, Mais Renda, que estamos propondo, procurou definir meta convergente com o Plano Mais Pecuária do Mapa, que estabelece aumentar a produção anual brasileira de leite de 35 bilhões para 47 bilhões de litros. Para alcançar esta meta estamos indicando um conjunto de estratégias e ações integradas envolvendo todos os segmentos da cadeia produtiva de leite. Tais iniciativas devem considerar a situação de cada grupo de produtores, suas dificuldades e suas potencialidades, assim como as ameaças e

oportunidades, buscando sempre os objetivos de melhorar a renda dos produtores e a qualidade do leite produzido e ofertado à população, envolvendo o maior número possível de beneficiários.

BB - Quem vai coordenar a organização das instituições visando a parcerias entre laticínios, cooperativas e empresas do setor? E como entra o produtor nessa relação?

AJ - Estamos chamando todos os segmentos da cadeia produtiva para um esforço conjunto buscando atingir os objetivos e metas propostos. A Secretaria e a Superintendência Estadual do Mapa já discutem há algum tempo essa necessidade e em conjunto têm promovido essas conversas, como a que foi realizada no mês de março, no workshop sobre o Programa Mais Leite Saudável, realizado pelo Sindi-leite (Sindicato das Indústrias de Laticínios e Produtos Derivados no Estado de São Paulo). Há uma clara necessidade de estabelecer mecanismos de coordenação da cadeia produtiva.

BB - É possível assegurar a continuidade desse projeto nesses 10 anos, considerando possíveis mudanças no comando do governo estadual? Em 2018, por exemplo, já teremos eleições para governador ...

AJ - Não vemos o Plano de Desenvolvimento da Bovinocultura Leiteira-Mais Leite, Mais Renda como um programa de governo tradicional, mas, sim, como uma proposta que estamos apresentando aos segmentos da cadeia produtiva do leite, como um chamamento para que trabalhem juntos, buscando ganhar eficiência na produção do leite. O sucesso deste plano depende primordialmente do real envolvimento de todos os integrantes dessa importantíssima cadeia produtiva. Para tanto, a Secretaria da Agricultura, em parceria com outras secretarias estaduais, órgãos do Governo Federal, entidades setoriais, produtores rurais, laticínios, fornecedores de insumos e instituições de ensino, pesquisa e fomento, fará todo o esforço para concretizar as metas estabelecidas e constituir uma governança do projeto. Essa integração visa aperfeiçoar o proposto, resolvendo eventuais incorreções e fortalecendo as boas práticas, de forma a aumentar a qualidade, a produtividade e a rentabilidade do leite produzido em terras paulistas.

Estamos chamando os segmentos da cadeia produtiva para um esforço conjunto buscando atingir as metas propostas

BB - Segundo a Asbia (Associação Brasileira de Inseminação Artificial), a questão eleitoral inclusive contribuiu para a queda na venda de sêmen no primeiro semestre do ano passado, pois várias prefeituras interromperam os processos de compra de material

genético. Que projetos a Secretaria tem para incentivar o melhoramento genético do rebanho leiteiro no Estado?

AJ - Entendemos que não há uma receita que seja a mais adequada para todo o Estado de São Paulo, no que diz respeito a promover a produtividade nas unidades de produção de leite e melhorar a qualidade do leite. Cada município ou região tem suas peculiaridades, por isso é

necessário um adequado diagnóstico e a definição de prioridades para cada grupo a ser atendido. Nas situações em que fica demonstrado que o melhoramento e a aquisição de material genético são prioritários, isso será feito. Entendemos ser imprescindível a participação das prefeituras, seja na compra de material genético ou em qualquer outra ação necessária para dar maior eficiência à produção de leite.

BB - O sr. defende a melhoria da qualidade do leite para que os produtores tenham melhor remuneração. De que maneira a Secretaria da Agricultura pode interferir nessa equação, considerando que a indústria é quem define

o valor pago aos produtores, inclusive as bonificações por qualidade?

AJ - Defendemos a melhoria da produtividade como um todo, sempre visando atrelar aumento de produção com custos baixos, ampliando a margem de lucro de produtores. Junto a esse compromisso, nos preocupamos com a qualidade do leite por termos obrigação de ofertar ao consumidor um produto de qualidade, dentro das normas vigentes e com segurança alimentar. Nesse momento procuramos conhecer as experiências exitosas no Paraná e no Rio Grande do Sul para entendermos como esses Estados superaram os principais entraves para o desenvolvimento da pecuária leiteira e estão conseguindo avanços significativos em termos de produtividade e melhor qualidade do leite.

BB - Duas das maiores e mais bem-sucedidas fazendas leiteiras no País estão em São Paulo, a Colorado e a Agrindus. Ambas utilizam sistema confinado de

exploração, como saída para ter ganhos em terras valorizadas. Tal opção seria uma melhor saída para muitos outros produtores no Estado?

AJ - Essas duas empresas têm como principal virtude, a nosso ver, a perseverante busca por maior eficiência. São ótimos exemplos de gestão de unidade de produção de leite, têm sua produção verticalizada, com produtos diferenciados, envolvendo desde produção até beneficiamento e comercialização com valor agregado. Esse quadro não é o que predomina nas propriedades leiteiras de São Paulo, onde talvez a maior necessidade seja de adoção de boas práticas de gestão. O Plano de Desenvolvimento da

Bovinocultura Leiteira-Mais Leite, Mais Renda propõe aos produtores um modelo de gestão que contemple planejamento estratégico, permitindo a visualização de seu futuro em longo prazo, e operacional, que conduza o produtor rural na tomada das melhores decisões gerenciais racionais ao estabelecer uma agenda diária e mensal de atividades planejadas, nas áreas de produção, comercialização e gestão financeira e de pessoal. Estamos em um país tropical, com abundância de recursos naturais, com temperatura, umidade e luminosidade favoráveis ao desenvolvimento da bovinocultura leiteira a pasto, que demanda menor custo de produção e é adaptável a qualquer tipo de propriedade no território paulista sem necessidade de altos investimentos.

BB - Então a produção de leite a pasto poderia ser um sistema favorável para a expansão da pecuária paulista?

AJ - Na maioria de suas regiões, São

Paulo apresenta condições edafoclimáticas favoráveis à produção de pastagens tropicais de alta qualidade e produtividade por pelo menos nove meses ao ano, a um custo mais baixo do que a produção em sistemas de confinamento. Essa condição é importante porque a alimentação do rebanho representa mais de 50% do custo de produção da atividade leiteira. Além disso, o sistema proporciona boa cobertura do solo, grande reposição de matéria orgânica e controle de erosão. Estima-se que São Paulo tenha 1,4 milhão de ha de áreas degradadas, e um percentual considerável dessas terras está em propriedades ocupadas por pastagens, sendo boa parte delas produtoras de leite. Recuperar essas áreas degradadas para o processo produtivo deve ser considerado máxima prioridade. Os dados disponíveis apontam ainda que 60% da área de pastagens de São Paulo está em estágio de degradação, portanto a formação, a condução e a reforma de pastagens adequadas são imprescindíveis para a maior eficiência que buscamos. Nestes casos, a introdução de sistemas como a integração lavoura-pecuária-floresta parece ser uma solução sustentável para os produtores de leite, aumentando o rendimento das unidades de produção e reduzindo a emissão e “sequestrando” gases do efeito estufa.

BB - Como está, nesse processo todo, a relação entre a Secretaria de Agricultura de São Paulo e o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento?

AJ - Há uma perfeita sintonia, que se traduz em absoluta convergência dos objetivos e conjugação de esforços na implementação de ações essenciais para o desenvolvimento da agropecuária no Estado de São Paulo. O Plano ABC (Plano de Agricultura de Baixa Emissão de Carbono)-SP e o Plano de Desenvolvimento da Bovinocultura Leiteira – Mais Leite, Mais Renda são bons exemplos desta parceria. ■

Cada região tem suas peculiaridades. Por isso, é necessário um adequado diagnóstico e a definição de prioridades



42. 3234-1254 / 9927-3344

agrop.leffers@uol.com.br - atendimento@leffers.com.br

Chácara Regina - Colônia Castrolanda - 84.165-970 - Castro/PR



A ÚNICA,
COM O CARDÁPIO
COMPLETO PARA
SEUS ANIMAIS.

AGROPECUÁRIA
Leffers